

**ENTRE O CORPO E A PALAVRA: RECRIAÇÕES E RESISTÊNCIAS
NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

**BETWEEN THE BODY AND THE WORD: RECREATIONS AND RESISTANCES
IN CONTEMPORARY BRAZILIAN POETRY**

Douglas Rosa da Silva¹

DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.135290

RESUMO: O presente estudo apresenta um exercício de leitura centrado em textos específicos de cinco poetisas brasileiras contemporâneas. Com o desígnio de observar as relações entre a resistência da palavra e as recriações do corpo, o artigo intersecciona poéticas de modo a discutir as possíveis rehumanizações dos sentidos ocasionadas pela linguagem poética.

ABSTRACT: The study presents a reading exercise centered on the specific texts of five contemporary Brazilian poets. Aiming to observe the relations among the resistance of the word and the re-creations of the body, the article intersects poetics in order to discuss possible rehumanizations of the senses occasioned by poetic language.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia Brasileira Contemporânea. Corpo. Literatura Comparada. Subjetividades.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Poetry. Body. Comparative literature. Subjectivities.

¹ Mestrando na área da Literatura, na linha de pesquisa de 'Teoria, Crítica e Comparatismo', do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLet/UFRGS).

1. DIÁLOGOS DE RESISTÊNCIA, DIÁLOGOS COMPARATISTAS

“Por meio da literatura, as palavras voltam-se inteiras para nós (...) a linguagem existe como um paraíso feito de palavras visíveis, audíveis, palpáveis e palatáveis.”

Judith Butler citando Monique Wittig (2013, p. 207).

A epígrafe que inicia este artigo, extraída de *Problemas de Gênero* (2013), de Judith Butler, versa, sobretudo, sobre a aventura da palavra. Palavra que “[...] desmancha as relações estáveis entre os nomes, as ideias e as coisas” (1995, p. 27), como pondera Jacques Rancière acerca da literatura. Mas palavra também cuja autenticidade, vida, movimento e vigor propiciam diálogos de resistência, de recriação. Sob esse ângulo, as obras literárias de autoria de mulheres portam palavras que requerem e incitam, mais do que tudo, a experiência. E é no acontecimento dado entre escritura e leitura, entre texto e leitor, que a potência de novos saberes é ocasionada, gerando rupturas e fragmentações na totalidade de um discurso posto como verídico.

Desse modo, os princípios e composições dos saberes vigentes são aferidos pelos movimentos de sentido suscitados pela experiência com o texto. As regulações passam a ser questionadas, e os investimentos semânticos que provêm da palavra que perpassa esses escritos contestam os totalitarismos. Ao portar tal característica, as obras literárias engendradas pelo viés plural do feminino – em especial aquelas que possibilitam aberturas insólitas na homogeneidade dos sentidos – potencializam a “[...] força de provocação para pensar a

fenomenalidade, o sentido ou o objeto, até mesmo o ser como tal” (2014, p. 66), como elucida Jacques Derrida na entrevista denominada *Essa estranha instituição chamada Literatura*.

Portanto, ao refletir acerca desses escritos, caminha-se pela possibilidade e pela propulsão que expande e impulsiona uma ação que destoa dos saberes cerceados, e que adestra corpos e subjetividades. Os diálogos de resistência são dados nos encaminhamentos para a abertura, para a amostragem e para o flexível das imagens e das significações, acarretando, assim, em diálogos de recriação. Os significados inscritos no mundo, tais como os conhecemos, são reconstituídos pela arquitetura textual dos textos de autoria de mulheres, posto que a literatura, por meio da singularidade da palavra, põe-se em movimentos, agita-se, adquire tons únicos e dinâmicos pelo exercício da escrita.

Nesse âmbito, a pesquisadora e crítica literária Rita Schmidt, ao tratar da postura da crítica feminista frente aos intransigentes paradigmas que isolam o saber, pondera que “[...] o que a crítica feminista propõe, no território dos estudos literários, é uma epistemologia reumanizada” (SCHMIDT, 1991, p. 31). A resistência da escrita, portanto, encontra-se na execução da prática literária que não almeja neutralizar a subjetividade. Já a recriação dos sentidos, por conseguinte, é o resultado do saber de emancipação facultado por essa resistência. Assim, o que decorre desse dialogismo e confluência dado entre resistência e recriação é o ato de reumanização – ou, ainda, a promoção de saberes mais inclusivos, mais humanos.

Em acréscimo a isso, e com a finalidade de justificar as investigações do domínio literário que operam com textos em

que a crítica aos modelos de alinhamento se faz presente, Schmidt explicita que:

[...] todo ato de um sujeito está subordinado às condições da subjetividade, a qual, sendo matriz das posições do sujeito, interfere na apreensão do objeto. O resgate da subjetividade no processo cognitivo implica, em última análise, uma transformação da realidade do objeto; este passa a ser algo que é construído e representado, não somente a partir de determinados pressupostos teóricos, mas também como ser histórico, vindo a ser também, [...] objeto de conhecimento. (SCHMIDT, 1994, p. 30, grifo do autor).

Mediante o exposto, e considerando o texto como objeto de conhecimento que recria as significações que orlam a realidade, o presente estudo busca, com base no aparato literário comparatista, analisar algumas das subjetividades em devir nas recentes composições poéticas escritas por poetas contemporâneas. Um exercício de análise assentado nos parâmetros da Literatura Comparada favorece a relação com as poéticas do presente, visto que, no hodierno, a poesia brasileira tem se inscrito num movimento oposto ao de uma tendência identificável e uniforme. Contemporaneamente, vozes distintas e singulares ecoam em cada produção, abrangendo relações inéditas com campos outrora pouco explorados, como a fotografia, o cinema, a pintura, as artes plásticas e a performance. Essas incorporações e recriações poéticas são favorecidas pelo ângulo comparatista, dado que a referida prática literária viabiliza o trabalho com os redesenhamentos múltiplos e as configurações variadas dos objetos artístico-literários.

À vista disso, os estudos literários comparados apresentam-se adequados no que tange ao evidente hibridismo da atual poesia, bem como das identidades plurais principiadas por ela. A teórica e crítica Tânia Franco Carvalhal já salientava a relevância da prática literária comparada, enquanto método, frente às demandas culturais de nossos tempos:

[...] a literatura comparada supera a busca de semelhanças e diferenças para formular indagações que mobilizem amplamente o literário e o cultural. Assim, é possível considerá-la como um dos instrumentos críticos colocados à nossa disposição para que consigamos dar visibilidade às questões de nosso tempo, formulando-as de maneira racional. (2006, p. 78-79).

Na tentativa de transitar por entre as múltiplas visibilidades dadas por intermédio do poema, produções específicas de autoras como Angélica Freitas, Ana Martins Marques, Bruna Beber e Conceição Evaristo integram o *corpus* do estudo. Em evidência pela crítica e angariando cada vez mais leitores, pode-se alegar que as poetisas elegidas pelo estudo exprimem, com propriedade, os diálogos de resistência e de recriação incutidos no cenário literário contemporâneo. Em um gesto que bambeia entre o escrever e o viver, e o tocar e o sentir, as referidas autoras abarcam e apreendem mundos, dando à palavra um caráter heterogêneo e variável. E é apoiado naquilo que é apontado como sendo o “diferencial”² da prática literária

² A respeito da particularidade “diferencial” dos estudos literários comparados, a professora e pesquisadora Rita Schmidt, no prefácio do livro *Sob o Signo do presente: intervenções comparatistas*, alude que “[...] tomando por princípios o que constitui, por assim dizer, o ethos comparatista – a razão dialógica, o respeito à diferença e o reconhecimento da diversidade – em contraposição à hegemonia, à homogeneização e ao monolinguismo, a literatura comparada tem dado uma resposta teórico-crítica de impacto no tratamento das complexidades do literário, suas intersecções com o social e

comparatista que a investigação adentra as zonas marcadas por essa diversidade, dedicando-se a aceder, dessa forma, as subjetividades em devir que são expostas pela palavra híbrida e aventureira inscrita na poesia contemporânea.

1. 1. A PALAVRA E O CORPO NA POESIA DE AUTORIA DE MULHERES

As correlações entre poesia e corpo não prescindem em nenhum dado novo ou original. Em consonância com os estudos voltados para o gênero poético, entende-se que a palavra está constantemente a exprimir e a manifestar significados. Por outro lado, e concomitantemente, uma saliente vertente dos estudos de gênero fomenta uma leitura centrada na ideia de que o corpo é culturalmente construído. Diante dessas duas perspectivas, observar a relação entre poesia e corpo pode seguir um princípio óbvio, mas não menos importante.

Tendo em vista que o corpo é o meio pelo qual nos inserimos, interagimos e efetuamos a comunicabilidade com o mundo, e a poesia [na condição de manifestação], tal como o poema [na condição de materialização], é o resultado de uma apreensão oriunda de um recorte da realidade; então um corpo poético é uma das possibilidades de consumação e redesenho da experiência do sujeito com o meio circundante. O poema, ele próprio, substancializa e corporifica os entendimentos percebidos e filtrados da existência, recriando-os. Nesse prisma, o corpo poético agencia a projeção daquilo que lhe é autêntico, efetuando, assim, na e pela linguagem, uma articulação que mobiliza uma rede de sentidos cuja estrutura e hie-

o político, bem como sua relação com outras linguagens, o que constitui seu diferencial no elenco das áreas que se ocupam de estudos literários". (SCHMIDT, 2010, p. 10).

rarquia é abolida. Valendo-se de uma palavra que é corpo, e de um corpo que é palavra, o corpo poético almeja, sobretudo, tracejar reformados conteúdos através do poema, interferindo, assim, na realidade conhecível.

Nessa acepção, temos, no presente estudo, poetas que desdobram, por meio de seus escritos, uma gama abastada de variadas subjetividades. O filósofo franco-argeliano Jacques Derrida fala que o escritor é ele próprio a proposição de um novo idioma que se constrói: “[...] as minhas palavras ensinam a mim surpreendem-me a mim próprio e me ensinam o meu pensamento”, supracita o teórico (1971, p. 24). A palavra, para Derrida, coloca-se livre, joga consigo mesma. E é na expressiva liberdade que ela fomenta o projetar de um novo idioma, idioma este que re-ensina o pensamento, contrapõe os significados ensinados e desmonta a doutrina enrijecida do significante. Mediante um idioma que se constrói por intermédio do poema, a análise do estudo intenta, portanto, responder às seguintes indagações: I) O que fazem as poetas, ao seguir pelas vias da liberdade da escrita?; II) Como essa inscrição e escrita viabilizam os retratos acerca de corpos aviltados, esquecidos, resignados a margem? e III) O que é possível depreender dessa tarefa poética que coloca em perspectiva subjetividades que não correspondem ao ideário predominante e imposto?

Embora se confundam pela similaridade, as questões equivalem à tríade da expressão, inscrição e recriação por meio do poema. Assim sendo, a presente exploração ocupa-se em observar, com minúcia, os movimentos de sentidos [ou dos vários sentidos, como expõe abaixo Paul Valéry] ocasionados pela palavra poética.

Cada palabra reúne um som e um sentido. Engano-me: é ao mesmo tempo varios sons e varios sentidos. [...] Vários sentidos, porque as imagens sugeridas por cada palavra são geralmente muito diferentes e suas imagens secundárias infinitamente diferentes. [...] A palavra é uma coisa complexa, é combinação de propriedades ligadas no fato e independentes por natureza e função. (VALÉRY, 1957, p. 144-145).³

Entre seus vários sons e sentidos caminha a poesia brasileira contemporânea. Revivificada por palavras que estão com os corpos, mas que se dispõem para além deles, os escritos de específicas poetas inseridas no bojo da contemporaneidade têm determinado uma dicção situada entre a palavra e o corpo, ou melhor, uma dicção que se ocupa de refazer-se entre as palavras e os corpos. Palavras essas que, mesmo possuindo a formalidade da configuração poética – e que, não raramente, usam da estrutura textual visando desconstruí-la – dispõem-se para além dessa mesma formalidade. Seria adequado, nesse contexto, afirmar que a palavra poética presente nessas produções é ruptura que possibilita revelação: põe-se o devir como protagonista da ação da escrita poética, e, desse modo, “[...] o poema cria um novo corpo a cada olhar. Instiga os deslocamentos da mente. A poesia não fixa, não apreende por inteiro. O poético singularmente autoral, neste exato sentido, resiste”, como formula o poeta e crítico Claude Royet-Journoud, numa entrevista concedida em 1998 acerca

³ No original, a citação consta como: Cada palabra reúne un sonido y un sentido. Me equivoco: es a la vez varios sonidos y varios sentidos. [...] Varios sentidos, pues las imágenes que nos sugiere cada palabra generalmente son bastante diferentes y sus imágenes secundarias infinitamente diferentes. [...] La palabra es cosa compleja, es combinación de propiedades a un tiempo vinculadas en el hecho e independientes por su naturaleza y su función. (VALÉRY, 1957, p. 144-145).

da poesia contemporânea. Ler e analisar o poema, nesse âmbito, é lidar com um gesto inaugural, restaurador, que advém da poesia.

2. PARA ALÉM DAS PALAVRAS, PARA ALÉM DOS CORPOS

Escolheu-se, para a análise, um enfoque de leitura capaz de evidenciar alguns dos encadeamentos situados entre a palavra e o corpo, mas que, em simultâneo, se afaste de um exercício de comprimir interpretações ou verdades. Nessa ação, próxima de uma leitura rizomática, ou de uma leitura que é sentida, ouvida e tateada nos moldes de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), objetiva-se estimular um meio analítico em que as subjetividades em devir permitam ser visualizadas, mas não apreendidas e encarceradas. É uma operação, portanto, que perpassa pelo texto, que visita suas ramificações e suas aberturas, e que formula, a partir da relação estabelecida com o poema, uma leitura que exprima a experiência, o lide com o poético. Dessa forma, há novamente uma aproximação com a filosofia de Deleuze e Guattari, posto que os filósofos acentuam que “[...] escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (1995, p. 13).

Firmado na ideia de cartografia das subjetividades, são apresentados, na sequência, os corpos dos poemas. Seguindo-os, consta uma pontual leitura que busca sintetizar a experiência que vincula o leitor aos sentidos poéticos, constituindo, assim, a singularidade do elo entre interlocutor e poema. Doravante dessa condição, e com o desígnio de mapear zonas

temáticas que explicitam os múltiplos encantamentos em devir na poesia de autoria de mulheres, a análise distendida no estudo opera com seções breves, considerando a produção de cada poeta. Assim, ao abordar os escritos da poeta gaúcha Angélica Freitas, por exemplo, trabalha-se com a ideia de *contravocábulos* formados em oposição a uma hegemonia corpórea, traço que exhibe e valida, a partir do escrito poético, outras e múltiplas corporeidades. Nos poemas de Ana Martins Marques, poeta radicada em Minas Gerais, as doses dos *Afetos híbridos* são o estímulo da escrita que enaltece e reconstrói os laços de afeição através da disposição do texto. Em seguida, ao chegar à produção de Bruna Beber, um olhar para os *Espaços heterogêneos* ganha relevo, instigando, desse modo, considerações acerca de outros espaços que inserem no mapa evocado pelas palavras. Já os *corpos que importam* são o tema de um debate intenso provocado a partir dos poemas de Conceição Evaristo, uma vez que são oportunizados, pela via reflexiva aberta na propulsão poética, atos de ponderação referentes às questões que tocam os corpos que, por tempo demasiado, foram designados ao lugar da margem.

2. 1. CONTRAVOCÁBULOS NA POESIA DE ANGÉLICA FREITAS

Nas palavras de Carlito Azevedo, poeta e crítico que assina a orelha do livro *Um útero é do tamanho de um punho* (2013), a constituição poética de Angélica Freitas “[...] se inscreve numa esplêndida tradição da poesia universal: a tradição da antipoesia”. Poeta de nossos tempos, Angélica Freitas faz interminável a ação de inscrever, por meio do poema, o

corpo da mulher que se inclina para longe do rígido sistema de regulação histórico-social. Deste modo, o efeito polissêmico dos vocábulos nos poemas de Freitas dispara contra a estrutura do normativo, propondo, assim, uma reflexão de caráter crítico acerca do que é ser mulher no âmbito social.

Com ironia e abundante acidez, o sujeito poético flerta com as formas bem trabalhadas do poema, expondo, desse modo, sentidos dotados de referências [sejam elas musicais, artísticas, políticas ou sociais], e fazendo pareceres autênticos sobre este corpo que, moldado, por vezes se sufoca nas próprias ânsias. Em Freitas, contestam-se as identidades pré-estabelecidas e, nesse exercício de fraturar a verdade acerca das corporeidades, o fenômeno poético arruína a noção de subjugo que paira sobre corpos, possibilitando, assim, passagem para a visualização e exteriorização da vivacidade, heterogeneidade e pluralidade tanto da palavra, quanto do corpo.

O sublime sarcasmo, particularidade evidente dos escritos de Angélica Freitas, parece velar um movimento que enuncia desconfortos com relação às regulagens sociais e culturais. Nisso, o sujeito poético aparece como aquele que desconfia dos protocolos, e por isso gargalha, ri. Essa ácida idiossincrasia presente na produção da autora é visível mediante a leitura do poema “Mulher de Vermelho” reproduzido a seguir:

Mulher de vermelho

o que será que ela quer
essa mulher de vermelho
alguma coisa ela quer

pra ter posto este vestido
não pode ser apenas
uma escolha casual
podia ser amarelo
verde ou talvez azul
mas ela escolheu vermelho
ela sabe o que ela quer
e ela escolheu vestido
e ela é uma mulher
então com base nesses fatos
eu já posso afirmar
que conheço o seu desejo
caro Watson, elementar:
o que ela quer sou euzinho
sou euzinho o que ela quer
só pode ser euzinho
o que mais podia ser

(FREITAS, 2013, p. 31).

Ao tornar ostensivas as mensagens enunciadas pelo eu-lírico, a poeta cria, inserindo pela via do sarcástico, os contravocábulo que armam sua poesia. Uma compreensão sob a ótica dos contravocábulo é dada porque, evidentemente, o poema não intenta o consenso com os sentidos vigentes e estipulados. Ademais, elencar o sujeito poético em uma posição que produz vocábulo dissonantes das normas correntes é um modo de pôr-se e opor-se contra elas. Sob esse prisma, o poema – ou o corpo-poema – passa também a ter uma índole

de denúncia, de comunicação, que contradiz os mecanismos de construção feitos sob os corpos. No poema “A mulher é uma construção”, situado logo abaixo, a função poética enquanto prática de denúncia profere visivelmente:

A mulher é uma construção

a mulher é uma construção
deve ser

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor

particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida
digo que sou jornalista
(a mulher é uma construção
Com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)

você é mulher
 e se de repente acorda binária e azul
 e passa o dia ligando e desligando a luz?
 (você gosta de ser brasileira?
 de se chamar Virginia Woolf?)

a mulher é uma construção
 maquiagem é uma camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
 como é bom ter amigos

todos os amigos têm um amigo gay
 que tem uma mulher
 que o chama de Fred Astaire

neste ponto, já é tarde
 as psicólogas do café Freud
 se olham e sorriem

nada vai mudar –

nada nunca vai mudar –

a mulher é uma construção.

(FREITAS, 2013, p. 46).

O corpo poético assinalado nos poemas de Angélica Freitas replica agudamente as concepções que fazem o delineamento dos corpos femininos no âmbito social. Esse gesto encena subjetividades que questionam, apontam e se assentam distantes da rigidez dos saberes destinados aos corpos, colocando em evidência “[...] uma subjetividade de natureza industrial, maquina, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 25). Essa exposição de um corpo rígido é útil dentro de um efeito poético que o desmantela e o desconstrói, como se vê no texto de Freitas. A atividade de reerguida do corpo, a partir das especificidades atreladas a cada indivíduo, é o que pauta o uso da palavra nos poemas encontrados no livro da poeta, *Um útero é do tamanho de um punho*.

3. 2. AFETOS HÍBRIDOS NA POESIA DE ANA MARTINS MARQUES

Na escritura proposta por Ana Martins Marques, a similitude entre o amor e a palavra denota uma relação que explicita a forma íntima e natural situada entre o afeto e o verso. E, aqui, o afeto não é colocado sob um prisma de amor tradicional, cuja contenção feminina impede com que os corpos mergulhem no sentir. Contrário a esta proposição, o sujeito poético toma o instinto como princípio da realização, faz do verso a enunciação real e não maquiada da expressão: o eu-lírico grita, chora, provoca, ri. Os poemas repensam, em contínuo, as fronteiras e a densidade do afeto. A lírica medieval que, antigamente, servia para conjeturar a mulher amada nos moldes da idealização, vê aqui sua função destituída: afinal, a poética de Marques

encurta distâncias, exalta as ruínas e põe-se como corpo impetuoso – e sem restrição no desejo. O afeto mobiliza-se revoltoso, e encontra em “Mitológicas”, poema abaixo, a razão errante que o faz assim ser:

Mitológicas

Mortos em águas calmas
conservam os cabelos lisos
mortos em águas revoltas
os trazem encarolados
Eu, que morri de amor,
tenho os cabelos negros
pois morri em águas turvas
tenho os cabelos longos
pois morri em águas fundas
- sigo descabelada.

(MARQUES, 2014, p. 44).

E o tom poético, que pode parecer de perdição, apresenta um sujeito lírico que tem pressa, pressa de entrega, urgência de sentir. Nesse mesmo ritmo, ele entra em “Caçada”, poema que se destina a pensar se o amor não é essa pressa de prender-se e perder-se em mútuo. A hibridez do afeto não teme o aprofundamento: aprofundar-se é a causa que o faz ser híbrido, destoante. O desejo, não mais ajustado, tem vez e voz no poema de Marques, acentuando a curta distância entre (se) amar e (se) perder:

Caçada

E o que é o amor
senão a pressa
da presa
em prender-se

A pressa
da presa
em
perder-se?

(MARQUES, 2014, p. 41).

Com tonalidades híbridas e singulares, a poeta aponta para “[...] uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo [...] de singularização” (1996, p. 33), como apontam Félix Guattari e Suely Rolnik em *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Essa singularização, fomentada por subjetividades em devir, escapam das diretrizes, o que coloca em evidência, assim, o traço único da experiência. Os afetos híbridos, ponto característico da poesia de Ana Martins Marques, abrem passagem para a enunciação do afeto enquanto tal, o que assegura ao sujeito poético o direito de sentir-se e expressar-se pela via de seu singular preceito.

3.3 ESPAÇOS HETEROGÊNEOS EM BRUNA BEBERS

Poeta radicada no Rio de Janeiro, o modo de constituição poética de Bruna Beber torna viável que a palavra poética pratique e reivindique para si, acima de tudo, lugares. Corpos que outrora se viram resignados a um determinado lugar, agora veem-se como praticantes do espaço público, escancaram suas experiências, mostram-se de modo desimpedido, sonham – e discursam – sobre a dominação e fluxo de um espaço possível. O sujeito poético, aqui, é transitório. Ademais, o lirismo presente nos poemas de Beber ocasiona neste caminhar aventureiro e incessante, em que os corpos usam indiscriminadamente os espaços. A prática de adentrar o lugar, o desejo de querer um lugar e as transformações espaciais advindas dessas duas relações determina uma efemeridade das ações: com o sujeito poético, circular nos espaços é intervir neles. E os corpos femininos, outrora situados no calabouço do esquecimento e restritos a um espaço de não visibilidade, encontram na produção de Bruna Beber o direito à pronúncia, pronúncia que almeja, sobretudo, o movimento.

Neighborhoods

se o mundo não fosse
esse aterro de
máquinas
barbas
pilhas
débitos
prazos

e canetas
marca-texto
medos
dúvidas
e embalagens
tetrapak
se o mundo não fosse
um aterro de babacas
ou se o mundo não fosse
um abrangente
e resumido
aterro de sinônimos
e se essa rua
se essa rua
fosse tua
eu ia me mudar pra lá.

(BEBER, 2013, p. 12).

Se nos poemas de autoria de Ana Martins Marques o afeto é prolongado sem medidas nas ações do eu-lírico, os poemas de Bruna Beber são capazes de pintar os espaços em que ocupam, fazendo, assim, com que a espacialidade se torne heterogênea, ocupável, marcada pela presença dessa voz que está a falar dos desenrolamentos que ocorrem em meio aos ambientes que circula. O espaço – e tudo que há nele – é transcendido na atividade de composição poética. No poema abaixo, por exemplo, é com olhar nostálgico que o sujeito poético revisita a demarcação desses espaços, marcando cronologicamente, acima do poema, a data específica do acontecimento:

Março

atrasado pela tempestade
de lixo

finalmente nosso encontro
em praça pública

à paisana toda lágrima
e todo cuspe

fomos felizes
para sempre

(BEBER, 2009, p.18).

Destarte, a poesia de Beber relaciona o poema com a reconstrução de uma nova identidade que se dá pela ocupação e apropriação do espaço. Essa leitura encontra os pressupostos trabalhados na obra de Jean Franco, que pontua que por meio desses escritos, há “[...] a apropriação do espaço público e o êxito na aquisição de uma nova identidade pública” (FRANCO, 2005, p. 138). Heterogêneo, o espaço equivale ao devir da subjetividade que não se prende a uma face homogênea. Assim, pode-se dizer que Beber, por intervenção da escrita poética, fornece ao leitor uma reocupação contínua dos espaços, reocupação que finda em recriação – mais singular e mais autoral – das identidades que compartilham áreas, zonas e lugares.

3.4 CORPOS QUE IMPORTAM NA POESIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Em Conceição Evaristo, o sujeito poético é consciente de suas marcas históricas e da narrativa que, no presente, ainda lhe acompanham. Nisto, a leitura do poema sobreleva e destaca as memórias e retratos da recordação que se mostram nítidos e palpáveis na tessitura da escrita. O corpo – neste domínio, o corpo da mulher negra – ruma e retrata sobre as subjetividades em devir e sobre as funções que lhe cabem. De forma poética e abrangente, a consciência da origem instaura uma “retórica resistência”, de afirmação e de abertura para o outro. O tom acentuado de esperança, presente em toda a lírica da poeta mineira, denota uma aura de luta e luto, mas, ao mesmo tempo, uma aura de força. Se nos poemas analisados até aqui o presente estudo ocupou-se de registrar os contravocábulos atuantes [em Freitas], os afetos híbridos [em Marques] e um constante pensar sobre a ocupação dos espaços [em Beber]; em Conceição Evaristo o sujeito poético reúne todos esses traços e sintetiza numa produção vívida, de não deixar fôlego. Dessa forma, leitor e eu-lírico percorrem os versos lutando, adentram as palavras cavando, movimentam-se diante de indagações que, nítidas, problematizam: que corpos importam?

Meu corpo igual

Na escuridão da noite
meu corpo igual
fere perigos
adivinha recados
assobios e tantãs.

Na escuridão igual
meu corpo noite
abre vulcânico
a pele étnica
que me reveste.

Na escuridão da noite
meu corpo igual,
bóia lágrimas, oceânico,
crivando buscas
crivando sonhos
aquilombando esperanças
na escuridão da noite.

(EVARISTO, 2011, p. 22)

Em devir, o eu-mulher presente nos poemas de Evaristo expõe, com vigor e traçados precisos, as formas de um corpo que inaugura a vida. Não há temor, e muito menos resistência: há a consciência de um corpo que importa, ainda que todos os meios sociais e culturais refutem, desde o passado até o presente, a ideia que garante importância e relevância a todos os corpos inseridos no domínio social. Lançando luz para a magnitude do corpo da mulher negra, Evaristo coloca em cena, a

partir da intensidade do poema, mais do que a presença corporal. Em seus escritos, o sujeito poético revela sua força, aponta para suas origens e faz da palavra “*moto-contínuo/do mundo*”.

Eu-mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo
Antecipo.
Antes-vivo
Antes-agora-o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

(EVARISTO, 2011, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre letras, entre palavras, entre versos, entre poemas. A poesia contemporânea se inscreve nesses espaços lacunares da palavra, mas está sempre a exprimir e a dizer aquilo que, ao mesmo tempo, coloca-se para além de tudo isso. A produção poética contemporânea de autoria de mulheres, assentada nessa natureza lacunar e imprevisível da poesia, tem feito mais do que dizer e exprimir: tem criado. À face do exposto, é no trabalho com essa poesia que se atinge a função poética que é “coração-manancial” da realidade, conforme explicita Octavio Paz em *Signos em rotação*. Afinal, para o ensaísta, a relação entre a produção poética e o fundo histórico e social é indissociável, posto que o “poema é um produto social” (PAZ, 1990, p. 54).

A partir disso, pode-se inferir que uma das significativas intervenções feitas pela poesia brasileira contemporânea é o repensar dos corpos, abrindo assim novas e mais democráticas frentes em um futuro por vir:

A poesia está [...] ligada à ideia de novos modos de respiração, de novas aspirações. Novos caminhos para encontrar possibilidades, o que se torna uma ação política. A poesia é pertinente se propõe uma linguagem que não existia antes. Uma nova gramática. (Royet-Journoud, 1998).

E, nessa gramática, palavras para além das palavras e corpos para além dos corpos tornam, em especial, as acepções abertas, flexíveis e que se põem em interminável processo. O que

esse estudo propõe, como já foi dito, é o fomento contínuo de uma epistemologia reumanizada. Uma re-humanização que possa vir a ser fomentada pelos escritos poéticos de autoria de mulheres. E é nesse “horizonte de diálogo intersubjetivo”, por intermédio da poesia escrita por mulheres, que inéditas e destoantes subjetividades em devir impulsionam “[...] o gesto em direção a um mundo possível, onde a dimensão do humano poderá vir a ser (re)escrita e (re)construída como práxis de vida” (SCHMIDT, 1994, p. 31).

Nesse cenário, em que o ato da escrita e da reconstrução operam juntos, a prática comparatista mostra-se fulcral, visto que:

Em tempos de exclusões, fundamentalismos e genocídios, violências estatais e institucionais, assim como de vários outros níveis de violência que assolam a vida cotidiana, a literatura comparada representa um campo de conhecimento que fortalece o gesto na direção do outro, esse lugar intraduzível em sua diferença, por isso mesmo, medida de uma humanidade que deve ser realizada em toda a extensão da vida social. (SCHMIDT, 2010, p. 11).

Angélica Freitas, Ana Martins Marques, Bruna Beber e Conceição Evaristo nos mostraram o possível: a poesia está a se renovar pela singularidade. E destaca-se que é pelo procedimento da singularização, mediado pela palavra, que a poesia de autoria de mulheres tem descortinado mundos possíveis, mundos esses pautados pela igualdade e pela práxis humana. Assim, fica conspícuo que, entre o corpo e a palavra, e entre a palavra e o corpo, o poema, com efeito, (re)cria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, jan-abr. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100020/18410>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

BEBER, Bruna. *Balés*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

_____. *Rua da padaria*. São Paulo: Editora Record, 2013.

BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas; SCHMIDT, Rita Terezinha. *Zonas francas: territórios comparatistas*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2011.

BONVICINO, Regis. O corpo da poesia – entrevista com Claude Royet-Journoud, 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs24059818.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHAL, Tania. Encontros na travessia. *Revista Literatura e Sociedade*, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19742/21806>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FRANCO, Jean. *Invasão do espaço público; transformando o espaço privado. Marcar diferenças, cruzar fronteiras*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MARQUES, Ana Martins. *Da arte das armadilhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 2.ed. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PEDROSA, Celia; ALVES, Ida Maria Santos Ferreira. *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SCHMIDT, Rita. *Da ginolatria à genologia: sobre a função teórica e a prática feminista*. In: FUNCK, Susana Bornéo (Org.). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

SCHMIDT, Rita (Org.). *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.

Submissão: 08/08/2017

Aceite: 12/11/2017